

A ideia de um museu da história da arte francesa em São Paulo: didatismo ou difusão?

Ana Paula Nascimento
Universidade de São Paulo (FAU-USP)

O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo desempenhou papel fundamental na área das artes aplicadas. A instituição também sediou importantes exposições, entre elas a *Exposição de Arte Francesa* (1913), cujos objetivos eram apresentar parcela da arte francesa em São Paulo, a venda de objetos e a ampliação de um mercado artístico. Porém, aspecto menos abordado da mostra é seu caráter didático e formacional, tendo em vista a organização de um museu didático de história da arte francesa na cidade, a ser composto por réplicas e reproduções. Este trabalho pretende analisar quais foram os principais articuladores do projeto, o programa adotado, os resquícios existentes, as trajetórias de alguns objetos e, por fim, se a proposta de um museu didático de arte francesa na cidade foi uma iniciativa isolada ou não.

Palavras-chave: Exposição de arte; Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo; Arte francesa; estudos sobre exposições; museu didático

The Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo school played a key role in the field of applied arts. The institution also hosted important exhibitions, including the French Art Exhibition (1913), whose objectives were to present a segment of French art in São Paulo, the sale of objects and also the expansion of an arts market. However, a less discussed aspect of that exhibition is its educational and formational character, with an objective of organizing a didactic museum of French arts history in the city, to be composed of replicas and reproductions. This work intends to analyze which were the main promoters of the project, the adopted program, its remains, the trajectories of some objects and, finally, investigate if the proposal for a didactic museum of French arts in the city was an isolated initiative or not.

Keywords: Art Exhibition; School of Arts and Crafts (Liceu de Artes e Ofícios) in São Paulo; French Art; Exhibition studies; didactic museum

A influência cultural e artística francesa no Brasil ao menos até meados do século XX foi acentuada. Para uma elite que buscava modernizar-se por diferentes vias, a França era um modelo a ser seguido, valendo-se de inspiração até mesmo para a organização de instituições.

O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo desempenhou o papel de um dos principais locais de formação e de trabalho para uma mão de obra especializada nas artes aplicadas. De par com esta característica, o instituto também sediou importantes exposições, ao menos nas duas primeiras décadas do século XX. Entre estas, merecem destaque a I e II Exposições Brasileiras de Belas Artes (1911 e 1912-3), as exposições didáticas e de produtos e, especialmente, a *Exposição de Arte Francesa* (1913). A última, como tantas outras ocorridas no período, tinha como características a comercialização de objetos e a ampliação de um mercado artístico. Porém, aspecto menos abordado é o caráter pedagógico e formacional do evento, tendo em vista a organização de um museu didático de história da arte francesa.



Figura 1 – Edifício do Liceu de Artes e Ofícios, c.1905. In: *100 Anos da Pinacoteca: a formação de um acervo*, p. 18.

A exposição contou com programação variada, tendo sido sucesso comercial e de público. Entretanto, a ideia do museu foi abandonada logo após o evento, apesar da compra de toda a seção de reproduções pelo governo do estado, conjunto em seguida anexado ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, na época ocupando três salas do edifício do Liceu. Algumas obras, inicialmente adquiridas por particulares, também foram incorporadas à Pinacoteca posteriormente. A pesquisa pretende verificar quais foram os principais articuladores do projeto, o programa adotado, os vestígios existentes, os circuitos de alguns objetos e, por fim, se a proposta de um museu didático de arte francesa na cidade foi uma iniciativa ímpar ou não.

Um Comité France-Amérique em São Paulo

O Comité France-Amérique foi criado em 1909 por Gabriel Hanotaux como órgão anexo ao Ministério das Relações Exteriores francês, com finalidades diversas: diplomáticas, comerciais, financeiras, sociais, intelectuais, artísticas e turísticas. Nas Américas foram criadas sucursais do Comité em importantes cidades, entre as quais Montreal, Nova York, Los Angeles, Rio de Janeiro, São Paulo,¹ Montevideu e Santiago (HANOTAUX, 1917, p. 12-18).

Contando na época com a colaboração de importantes personalidades da escol social, o Comité transformou-se em renomado centro de estudos e de intercâmbio intelectual entre a França e as Américas, organizando conferências, seminários, congressos e eventos sociais. Outrossim foi responsável por uma série de publicações, entre as quais a revista *France-Amérique*, rapidamente reconhecida pelos eruditos dos dois continentes.

A Exposição Francesa, uma das atividades do Comité paulista

A *Exposição de Arte Francesa* foi inicialmente proposta por Bettencourt Rodrigues e por Ricardo Severo como um iniciativa a compreender diferentes mostruários das nações europeias desenvolvidas (EXPOSIÇÃO..., 1913a, p. 6). Depois de um primeiro esboço, passou a ser organizada pelos Comité France-Amérique de São Paulo e da França, patrocinada pelos governos do estado das duas localidades, e teve como espaço para instalação o edifício do Liceu, entre 7 de setembro e 9 de outubro de 1913.

A despeito da imprensa nacional apresentar como principal atuante Jorge Tibiriçá, parece que o grande articulador e fomentador do evento foi Ramos de Azevedo, conforme Louis Hourticq – responsável pela direção artística do evento, na época inspetor de Belas Artes na cidade de Paris – afirma ao menos em duas situações distintas: “[...] Ramos de Azevedo colocou todo o material e todo o pessoal [do Liceu] à nossa disposição” (1913, p. 274, tradução nossa) acrescentando, muitos anos depois:

[...] eu tive o prazer de vê-lo [Ramos de Azevedo] frequentemente durante a exposição de arte francesa de São Paulo, organizada pelo Comité France-Amérique no qual ele era uma das personalidades mais marcantes. Diversos contratemplos foram resolvidos. Era a ele a quem sempre recorriamos. Ele resolvia tudo da forma mais simples do mundo, sem hesitação, sem ruído, sem gestos, com algumas palavras úteis e sempre amáveis (1927, p. 2, tradução nossa).

O destaque a Ramos de Azevedo, profissional ligado ao Liceu, à Pinacoteca, à Escola Politécnica, com escritório e outros tantos negócios paralelos exemplifica o envolvimento dos arquitetos e engenheiros com os eventos artísticos da cidade. Além

¹ Os comitês de São Paulo e do Rio de Janeiro foram fundados em 1912.

de Ramos, fizeram parte das diferentes comissões para a realização da exposição outros profissionais da área: Victor da Silva Freire, Eugênio Lefèvre, Ricardo Severo, Giulio Micheli, George Krug, Hipólito Pujol, Victor Dubugras, Domiziano Rossi, Maximiliano Hehl, Samuel das Neves, Augusto de Toledo, Alexandre Albuquerque e Heribaldo Siciliano. A grande maioria era ligada à Escola Politécnica de São Paulo, exceção de Samuel das Neves e Giulio Micheli.



Figura 2 – Ramos de Azevedo, c.1924 – Fotografia do Ateliê Rosenfeld. In: *Ramos de Azevedo e seu escritório*, p. 114.

A concepção da mostra esteve a cargo de Louis Hourticq, conforme supracitado, e de M. Raphael Maupas, a quem coube a seleção de peças de artes decorativas. A mostra foi dividida em três seções e o evento compreendeu ainda uma série de atividades musicais e conferências, tendo sido publicado na ocasião um catálogo com 24 reproduções e 100 páginas.

As seções da mostra

Dada a impossibilidade de se trazer importantes obras originais de museus franceses, a seção de arte retrospectiva teve como um dos principais objetivos o de ampliar o repertório sobre a história da arte francesa em diferentes períodos. Composta por 1.025 itens (930 cópias fotográficas, e gravuras em diversas técnicas e 94 modelagens e medalhas), foi organizada com o desígnio de se estudar obras de arquitetura e da arte francesa desde a Idade Média até o século XIX. A partir dos preparativos da mostra já

era certo que os objetos dessa divisão permaneceriam na cidade de São Paulo como núcleo inicial de um museu didático. Sobre esta seção, afirma Hourticq:

Uma coleção semelhante não substitui uma visita a um museu de obras originais, mas prepara para entender um museu como o Louvre e completa os ensinamentos que tal Museu pode dar (1913, p. 285, tradução nossa).

A seção de Belas Artes compreendia 255 obras de 170 pintores, escultores e arquitetos franceses atuantes naquele período, com a finalidade de dar um panorama geral das principais direções da arte daquele momento na França. Algumas obras participaram do *Salon de la Société des Artistes Français* e o do *Salon de la Société nationale des Beaux-Arts*, na época certames já em fase decadente.² Hourticq defende-se em relação ao que foi apresentado, por causa de críticas que consideraram muitas obras inferiores:

Nós não podemos ter a pretensão de apresentar ao público paulista um conjunto completo da nossa arte francesa atual. Mas, contudo, de uma maneira a não ser muito incompleta, consistindo em considerar a arte menos em suas individualidades do que em relação às tendências gerais. (1913, p. 278, tradução nossa).



Figura 3 – Seção de Belas Artes da Exposição de Arte Francesa, 1913. In: *100 Anos da Pinacoteca: a formação de um acervo*, p. 21.

² Apesar das reiteradas críticas e comentários de que a maioria das obras poderia ser considerada refugo daqueles dois Salões, a consulta aos catálogos dos mesmos para os anos de 1913 possibilitou elucidar parcialmente a questão. Ainda que muitos dos artistas de fato tenham participado de um dos eventos, apenas 20 obras que integraram aqueles Salões integraram a mostra paulista.

A seção de Artes Decorativas contemplou um conjunto de 786 objetos, todos postos à venda, sem sombra de dúvida a parte de maior sucesso da exibição: produtos das manufaturas nacionais francesas e de empresas particulares. As peças foram dispostas em vitrines ou espalhados pelas salas, tentando, de alguma forma, simular um suntuoso ambiente doméstico, conforme afirma Hourticq, com certa tristeza em pensar que tantos objetos encantadores foram agrupados com muito gosto [francês...] para novamente serem dispersados (1913, p. 283, tradução nossa).

Indubitavelmente, o maior sucesso está voltado às seções que ocupam o pavimento térreo, em que se destacam, a par de um gosto todo parisiense, inexecidível, no arranjo e na apresentação dos objetos, as belas peças de arte em bronzes e cristais, em porcelanas e metais, em móveis e tapeçarias (REGISTO..., 1913, p. 4).



Figura 4 – Seção de Artes Decorativas da Exposição de Arte Francesa, 1913. In: *100 Anos da Pinacoteca: a formação de um acervo*, p. 21.

O espaço expositivo

É ainda o próprio Hourticq (1913, p. 274) quem descreve como foi a organização espacial da mostra. Ele chegou em São Paulo em agosto de 2013 para a montagem para a qual foram utilizados materiais, ferramentas e mão de obra do próprio Liceu, sendo ocupados os dois andares das alas voltadas para o Jardim da Luz, abrangendo um conjunto de 12 salas e dois corredores. No primeiro andar, três salas reservadas

para a seção de Belas Artes (as normalmente utilizadas pela Pinacoteca); nestas, as paredes foram recobertas com tecido cinza claro. A iluminação zenital já existente contava também com tecidos que serviam regular a quantidade de luz. De um lado foram posicionadas as pinturas com um cunho mais tradicional e, do outro, as obras com influências impressionistas e pós-impressionistas, movimentos já completamente aceitos naquele momento até mesmo nos salões oficiais. As esculturas apresentadas foram todas de pequeno porte – por questões de transporte e, provavelmente, visando facilitar as vendas. O maior destaque recaiu sobre a cabeça de *Eugène Guillaume*, de Auguste Rodin. No térreo foi instalada a seção de artes decorativas (sete salas) e a de arte retrospectiva (duas salas).

Um museu didático da história da arte francesa em São Paulo

Conforme supracitado, toda a seção de arte retrospectiva foi adquirida com o objetivo inicial de criação de um museu didático da história da arte francesa, iniciativa em muito agradava Ramos de Azevedo segundo Hourticq. O Liceu já possuía um museu pedagógico (inaugurado em 1887) e, em 1906, passou a fazer parte daquele museu uma gipsoteca, formada por modelos em gesso das mais conhecidas peças de estatuárias de museus europeus (NASCIMENTO, 2009, p. 160). Aparentemente, a intenção inicial de comprar os objetos era ampliar este museu pedagógico de maneira ordenada:

[...] Nossa exposição será, sem dúvida, um passo importante na organização do museu pedagógico. Com o pouco tempo disponível, não foi possível realizar uma grande quantidade de modelagens. Mas o trabalho ainda não acabou. Resta agora completar esta coleção didática para que a arte francesa possa se apresentar sem lacunas significativas, na sua continuidade e variedade. (1913, p. 284, tradução nossa)

Afirma ainda a necessidade de elaboração de um pequeno guia para os estudantes e que tal publicação seria feita posteriormente, obra de fato editada apenas em 1920: uma brochura de 72 páginas, contendo introdução, textos resumidos para cada seção e relação de 1083 peças, 58 a mais do que no catálogo da mostra – o que parece indicar novas compras de artigos semelhantes para a coleção. Na introdução, Hourticq elogia o crescimento e pujança da jovem cidade e afirma que toda a nata intelectual da Pauliceia acompanha os movimentos artísticos e intelectuais franceses. Para assegurar à exibição de arte francesa maior continuidade e eficácia, fora considerado útil adicionar à mostra as reproduções. Visto isso, São Paulo passaria a ter um museu didático como os que têm sido formados em diversas universidades. O catálogo seria, portanto, indispensável neste contexto, porquanto traria as informações mínimas das obras (HOURTICQ, 1920, p. III e IV, tradução nossa). Porém, diferentemente das

intenções iniciais, estes objetos foram incorporados ao acervo Pinacoteca do Estado por ocasião da reabertura do museu, em 8 dezembro de 1913.³

A triste sina da coleção didática e de algumas obras

Apesar do ingresso no acervo artístico, parece que tais peças sempre permaneceram à margem e sem um “lugar” próprio no Museu. Após o falecimento de Ramos de Azevedo (1928), a Pinacoteca passa por uma grave crise institucional e há a intenção em transferir todo o seu acervo para o Museu Paulista, o que não ocorre por questões diversas.

Entre 1942 e 1943, durante a gestão de Lopes de Leão (1932-1944), há documentação que assevera trabalhos de higienização, restauro e acondicionamento de 400 fotografias e confecção de álbuns e pastas. Quando Túlio Mugnaini era o diretor (1944-1965), parte das fotografias continuava sendo exibida. Possivelmente, entre as décadas de 1970 e 1980, o material, em especial as reproduções, deixou de fazer parte do acervo artístico, sendo transferido para a Biblioteca. As medalhas e algumas cópias em gesso permaneceram no acervo, ainda que 20 peças tenham sido transferidas para o Liceu na gestão de Fábio Magalhães (1979-1982). Em 2006 todo o grupo remanescente é transferido para Centro de Documentação e Memória da própria Pinacoteca.

Todavia, além das peças acima relacionadas, na época do evento uma escultura foi adquirida ou doada para a Pinacoteca, *Chrysis*, de André-Louis-Adolphe Laoust. Proveniente da seção de artes decorativas, trata-se de uma estátua industrial da empresa Susse, especializada em realizar obras de grande porte e também autorizada para fazer reproduções de trabalhos de artistas consagrados existentes em museus franceses. Sem desmerecer suas qualidades estéticas, a peça passa a fazer do acervo da Pinacoteca sem nenhuma informação, nem mesmo sobre a sua procedência.

³ Em consulta ao segundo catálogo da instituição, lançado em 1914, há o registro de 627 fotografias e fotopinturas, 46 gessos e terracotas, 12 medalhas e 77 trabalhos de arquitetura. Deste conjunto, ainda fazem parte do acervo artístico 21 peças, entre medalhas e modelagens realizadas pelo Louvre, uma gravura de Léon Lhermitte, *Apanhador de feno* (1889), além da escultura *Crysis*.



Figura 5 – André-Louis-Adolphe Laoust. *Crysis*. À esquerda: fotografia de François-Antoine Vizzanova – RMN – Grand Palais. À direita, obra da Pinacoteca, mármore, 82 x 60 x 70 cm. Foto A.

Como de costume no período, os jornais enumeravam algumas das personalidades que compraram obras na exposição além da aquisição feita pelo estado. São destacados Silveira Cintra, Conde de Lara, coronel José Paulino Nogueira, Estanislau do Amaral, Silva Ramos, Ramos de Azevedo, Antonio Prado Júnior, Louis Grumbach, Conde de Prates e Freitas Valle (EXPOSIÇÃO..., 1913b, p. 3). Mesmo não aparecendo como um dos compradores, Azevedo Marques adquire três obras na ocasião: duas pinturas de Paul-Michel Dupuy, *Parque Monceau* (1913) e *Praia de Biarritz* (1913), e a pintura de Henri Biva, *L'après-midi à Villeneuve l'Étang* (1868), posteriormente doadas para a Pinacoteca por disposição testamentária em 1949 junto a outras 128 obras.

Praia de Biarritz participara com grande destaque no *Salon de la Société des Artistes Français* de 1913, sendo reproduzida no catálogo do evento e contando com comentários elogiosos na revista *La France Illustrée*:

M. Dupuy obtém um grande e legítimo sucesso com *A praia de Biarritz*, uma das obras mestras deste ano [1913]. O ar circula livre e cálido; a luz projeta-se em nuances delicadas, deixando

em cada rosto de criança ou de jovem mulher o seu splendor como flor cujo jogo de claro e escuro ressalta o natural e a graça. É uma praia de alto interesse artístico e de um colorido delicado (ENAUULT, 1913, p. 7, tradução nossa).



Figura 6 – Paul-Michel Dupuy. *Praia de Biarritz*, 1913. Óleo sobre tela, 152 x 380 cm. Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação Família Azevedo Marques, 1949. Foto: Isabella Matheus.

Das coleções particulares, os rastros são exíguos. Foram localizadas duas obras na coleção de Heribaldo Siciliano, a cabeça *Eugène Guillaume*, de Rodin, e a pintura de Jean-François Rafaelli, *Paisagem dos arredores de Paris* e ainda um centro de mesa Christofle, estilo Luís XVI da seção de artes decorativas. Na atualidade, o paradeiro destas peças é desconhecido.

Uma rede de museus didáticos nas Américas: São Paulo, Nova York e Montreal

Fato pouco divulgado é a organização em Nova York, pelo *Institut français aux États-Unis*,⁴ de um museu de arte francesa naquela cidade em 1913, com obras originais, já existindo na instituição uma biblioteca a qual seria agregado um museu permanente de objetos de arte – originais ou reproduções com valor documental, informações estas divulgadas pelo *Bulletin de l'Institut Français aux États-Unis* de 1913 (p. 4). No ano anterior, o Instituto organizara uma primeira exposição, *Paris monumental*, formada por um conjunto de gravuras dos séculos XVIII e XIX, na *National Academy of Design and National Sculpture Society Galleries* (27 de abril a 6 de maio).

Matéria assinada por Raymond Koechlin daquele Boletim talvez explicita o modelo inspirador para a criação dos museus didáticos. Segundo o autor, o advento das exposições universais a partir de 1851 ampliou a rivalidade entre as nações industrializadas europeias. A abertura Victoria & Albert Museum (1852) alertou a França sobre a necessidade de reafirmar a sua supremacia nos produtos manufaturados voltados para um mercado de luxo. Em vista disso foram organizadas a *Société des arts décoratifs*, o Museu de Artes Decorativas e uma Biblioteca, esta possuindo uma seção didática, com a vantagem de reunir em uma sala objetos de uma

⁴ Instituição irmã do Comité nos Estados Unidos, ligada ao consulado francês.

mesma época e de um mesmo país. Por conseguinte, a coleção de peças gráficas, disponível a amplos segmentos da sociedade e com grande valor educativo, poderia de sobremodo contribuir com a formação intelectual e com a indústria artística de determinado país (1913, p. 10-12, tradução nossa). Naquela mesma publicação, Hourticq apresenta uma lista de possíveis reproduções síntese sobre a história da arte na França, com aproximadamente 700 peças, muitas reproduções semelhantes às de São Paulo, executadas pela Braun & Cie.⁵

O museu montrealense de arte francesa

Pesquisa recente aponta que, após a I Guerra Mundial, o Comité France-Amérique canadense criou um museu didático de arte francesa em Montreal nos moldes do paulista. Uma comissão parisiense selecionou as reproduções e as obras chegaram naquela cidade em junho de 1921, levadas por Gabriel Louis-Jaray e Louis Hourticq, responsáveis pela organização do espaço. Hourticq proferiu ainda uma série de conferências sobre a história da arte francesa (DOZO, 2010, p. 288, tradução nossa), como fizera anteriormente em São Paulo. Não foi possível até o momento saber qual o destino do museu mas o catálogo da mostra foi localizado. Editado em 1922, também a cargo de Hourticq, possui 106 páginas e uma divisão bem diferente do exemplar paulista, somando 2.800 peças, entre reproduções, cópias e *moulages* e originais (medalhas, gravuras e *biscuits* de Sèvres).

O prefácio, assinado por Gabriel Hanotaux, explica o programa geral do empreendimento: organizar um museu modelo de reproduções, de maneira que explicar o conjunto da arte francesa, combinando formas de propaganda e aprendizado (1922, p. 1-2, tradução nossa). Na introdução da publicação, Hourticq resumidamente elucida a proposta do museu didático, voltado não apenas para o passado mas também para o presente, em especial em relação às artes decorativas (contemplando obras originais), o que possibilitaria, no futuro, o intercâmbio comercial de produtos diferenciados. Finaliza “um museu de reproduções não oferece os mesmos atrativos de uma coleção de obras originais. Mas compensa a inferioridade pelos métodos didáticos, apresentando, sem grandes lacunas, a história da arte francesa” (1922, p. 4), afirmação semelhante à realizada anteriormente em São Paulo.

Os museus invisíveis

As trajetórias dos objetos, estejam eles em museus ou coleções particulares, normalmente mostram-se difusas e lacunares. Além do gosto pessoal, refletem comportamentos de grupos, relações sociais, desejos de pertencimento e, por que não, influências geopolíticas encobertas por apreciações culturais.

No caso da *Exposição de Arte Francesa* isto não é diferente. A dificuldade de localizar materiais a respeito do evento – na época relativamente comentado – evidencia o

⁵ Empresa fundada por Adolphe Braun, um dos principais nomes da fotografia artística no século XIX. O estabelecimento foi um dos principais responsáveis pela reprodução de obras de arte de museus europeus ao menos até as primeiras décadas do século XX.

desafio de dar continuidade a diversas ações na área cultural e desafia o entendimento de certos períodos e do papel de determinados personagens para as iniciativas que jamais podem ser vistas de maneira isolada.

O projeto de um museu formacional paralelo à Pinacoteca do Estado e parte integrante do Liceu de Artes e Ofícios poderia, ao menos, propiciar um contato com o que era então considerado o conjunto das principais obras da França desde a Idade Média. Para os imigrantes atuantes no Liceu poderia ser uma forma de reafirmar um elo de ligação com a cultura europeia, em parte deixada para trás quando da travessia do Oceano Atlântico. Todavia, rapidamente o projeto foi abandonado e o que restou do evento transformou-se em seguida em uma coleção sem lugar próprio e, quiçá, indesejada e incompreendida.

Em relação às obras de arte, a situação é um pouco diversa, mas não menos pesada. Compradas pelo estado ou provenientes de coleções particulares, no momento em que são incorporadas ao acervo da Pinacoteca até possuem um certo destaque, mas este é passageiro e, atualmente, ou são expostas sem nenhum contexto ou seu lugar praticamente fixo é em uma das reservas técnicas da instituição. As adquiridas pelo estado sequer têm a procedência conhecida, constando até a atualidade sob a rubrica “procedência desconhecida, 1913”.

Não podem deixar de ser destacadas as questões geopolíticas envolvidas no evento: a ascendência do Comité France-Amérique por meio da diplomacia cultural a tentar propagar uma imagem da França como potência a instrumentalizar a cultura como um veículo de influência e de propaganda, empenhando-se por novos mercados para artistas – dado o momento de esgotamento dos salões tradicionais franceses – e procurando incitar, mesmo que de maneira discreta, o turismo cultural.

Como última indagação, estaria o Comité France-Amérique se esforçando para criar uma rede de museus didáticos nas Américas, tão em voga nos tempos atuais? Se sim, teriam os outros exemplares o mesmo final melancólico do paulistano?

Referências Bibliográficas

BULLETIN de L'Institut Français aux États-Unis. Paris, 1913.

CATALOGUE ILLUSTRÉ du Salon de 1913: Société des Artistes Français (peinture et sculpture). Paris: Édition Baschet; Bibliothèque des Annales, [1913].

CATALOGUE ILLUSTRÉ du Salon de 1913: Société Nationale des Beaux-Arts. Paris: Édition Baschet; Bibliothèque des Annales, [1913].

100 ANOS da Pinacoteca: a formação de um acervo. São Paulo: Fiesp, 2005.

- DOZO, Björn-Olav. Le Comité France-Amérique et l'Alliance française à Montréal. In: PASSEURS d'histoire(s). Québec: Presses de l'Université Laval, 2010, p. 281-295.
- ENault, François. Les salons en 1913. *La France Illustrée*, n. 2010, juin, 1913, p. 7.
- EXPOSIÇÃO de arte franceza. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 set. 1913b, p. 3.
- EXPOSIÇÃO de arte franceza. *O Estado de S. Paulo*, 9 set. 1913a, p. 6.
- EXPOSITION d'Art français de São-Paulo. Avec le concours du Gouvernement de l'Etat de São-Paulo et sous le patronage du Gouvernement Français. Catalogues des œuvres exposées. Paris: Comité France-Amérique, 1913.
- HANOTAUX, Gabriel. *L'Oeuvre du Comité France-Amérique de 1909 à 1918: une campagne de dix années*. Paris: Comité France-Amérique, 1917.
- _____. Préface. In: HOURTICQ, Louis. *L'Art français. Guide du musée d'enseignement de l'art français de Montréal*. Paris: Imprimerie nationale, 1922, p. 1-2.
- HOURTICQ, Louis. L'Art Français au Brésil: l'exposition du Comité France-Amérique a São Paulo. *France-Amérique: Revue Mensuelle du Comité France-Amérique*, novembre, 1913, p. 273-287.
- _____. *Aux étudiants étrangers. Histoire-guide de l'art français. Un musée-type d'enseignement de l'art français à l'étranger: le musée d'art français de São Paulo*. Paris: Imprimerie nationale, 1920.
- _____. *L'Art français. Guide du musée d'enseignement de l'art français de Montréal*. Paris: Imprimerie nationale, 1922.
- _____. La construction d'une grande ville de l'Amérique Latine et son architecte: M. Ramos de Azevedo. *France-Amérique. Revue Mensuelle du Comité France-Amérique*, janvier, 1927, p. 1-5.
- KOECHLIN, Raymond. Le musée et la Bibliothèque des Arts Décoratifs de Paris. *BULLETIN de L'Institut Français aux États-Unis*, Paris, 1913, p. 10-12.
- LEMOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993.
- PINACOTHECA do Estado de S. Paulo: galeria de Bellas Artes em 1914. São Paulo: Siqueira, Nagel & Cia, 1914.
- NASCIMENTO, Ana Paula. *Espaço e a representação de uma nova cidade: São Paulo (1895-1930)*. 2v. São Paulo: FAUUSP, 2009. (tese de doutorado)
- _____. 1913- A Exposição de Arte Francesa no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: o que fazer com o que restou? In: AAVV. *História da arte em exposições: anais do colóquio*. Campinas: 2014, p. 214-226.
- REGISTO de arte: exposição de arte franceza. *Correio Paulistano*, São Paulo, 4 out. 1913, p. 4.